

**“LEITE PODRE NO RECIFE”:** Os hábitos mudam, as águas do Recife não.

Bruna Hanny Benning de Aguiar Ramos

Mestranda em História – UFPE

bruhanny@hotmail.com

Recife: Cidade das águas. Apesar de o nome indicar o comprometimento entre as duas partes, nem sempre esta ligação se deu de forma amigável. Aliás, as águas do principal rio da cidade, o Capibaribe, demonstravam ( como ainda demonstram) uma ação múltipla em relação à população: Davam passagem e desabrigavam; Banhavam e enlameavam; Refletiam a paisagem e refletiam-se nela; Matavam a sede e pela sede matavam. A presença marcante das águas - e também a falta delas - frequentemente afetou o cotidiano da cidade.

Nos anos 50, guiando os sedentos do interior, o rio lhes fornecia as margens na capital. O fluxo migratório, fruto em grande parte da capitalização do campo que trocava o homem pela máquina e que não lhe dava meios de operá-la, tinha seus alicerces na política industrial do pós-guerra que em seus planos traçava urgentemente uma fisionomia menos agrária para o país. “Além dos que emigravam da zona do açúcar, por motivos vários, deve-se acrescentar os que desciam expulsos pelas secas do outro Nordeste, o do sertão semi-árido.” (Castro, 1948, p.74). Um movimento esperado em virtude da industrialização, mas não organizado, e que portanto, acarretou em um grande deslocamento de massa populacional responsável pela explosão demográfica ocorrida na cidade. Segundo dados do IBGE, a população multiplicou-se de cerca de 348.424 habitantes durante os anos 40 para cerca de 524.682 habitantes nos anos 50. Esta alteração resultou em mudanças qualitativas no modo de vida da população pois o processo industrial que se consolidava trazia em sua companhia a urbanização crescente, e a cidade não suportava toda esta gente de forma equilibrada.

Colônias de casebres, chamados mocambos, agrupam-se na lama, ao longo das margens dos rios, para serem arrastados por uma ocasional inundaçã de chuvas sempre renascendo, entretanto, quando as águas baixavam. Um constante fluxo de

camponeses da zona do açúcar e do interior alimentava estas fétidas pústulas humanas.<sup>1</sup>

As precárias habitações nos alagados, endereço das classes baixas que também situavam-se nos morros principalmente depois da desastrosa política de desocupação dos mocambos na década de 40 que deixou milhares de pessoas sem teto, revelava as contradições do discurso desenvolvimentista industrial. Do básico, faltava-lhes tudo: Eletricidade, transportes, calçamento e rede de água e esgotos. Esta condição gerava uma vida difícil à maioria da população da cidade.

As casas populares do Recife, casas em que mora a maioria esmagadora da população da terceira capital brasileira, oferecem um espetáculo de miséria aterradora. Tudo falta nos bairros populares, desde alimentação, prejudicada pela intensiva carestia de vida, à água, ao espaço, à luz.<sup>2</sup>(...) Por outro lado, as casas do Serviço Social contra o Mocambo, na sua maioria, encontram-se dentro de poças d'água, constituem verdadeiras ilhas, a lama que as circunda é casa de todos os tipos de insetos. (...) Não há quem suporte as muriçocas e o maruim. As crianças quase não dormem, o aparelho está entupido, as fezes não descem, é uma verdadeira miséria.<sup>3</sup>

De fato, uma miséria. Mas, como a modernização industrial com a conseqüente urbanização eram tidas como sinônimo de modernidade e este pensamento foi ajudado pela idéia de um novo tempo que instaurou-se com o fim da guerra - bastava observar a quantidade de novidades que invadiam o cotidiano - as contradições presentes nesta “modernidade”, como é o caso da crescente desigualdade social, eram levadas ao entendimento do povo como partes integrantes do processo de mobilização para o desenvolvimento que logo atingiria a todos, se todos contribuíssem. Este pensamento pode ser exemplificado pelos discursos do então presidente Kubitschek que pedia calma e paciência aos menos favorecidos calcando-se na antiga tese de “aumentar o bolo” para depois reparti-lo em fatias maiores.

<sup>1</sup> PAGE, Joseph A. A revolução que nunca houve – Nordeste do Brasil: 1955-1964. Rio de Janeiro: Record, 1972. p. 23.

<sup>2</sup> Folha do Povo, 10.04.1955, p.01.

<sup>3</sup> Folha do Povo, 07.04.1955, p. 04. As duas reportagens foram transcritas juntas em virtude de terem aparecido na mesma semana, em encadeamento, com títulos bem semelhantes – “Condições de Vida Insuportáveis na Vila Popular do Engenho do Meio” e “Situação Calamitosa no Engenho do Meio”.

A meta real é a remoção das diferenças iníquas, a construção de uma sociedade mais justa, de uma convivência mais humana, onde o homem não seja o lobo do homem, e onde a sede de inovações, estimulada pelo exemplo das nações mais poderosas, possa ser satisfeita, por uma distribuição equitativa de riquezas, produzidas em paz pelo trabalho coletivo.<sup>4</sup>

Mensagens como esta possuíam um efeito e um alcance imenso na sociedade não só porque traziam esperança, mas principalmente, por fazer parte de um raciocínio que prometia instaurar uma nova mentalidade no país a fim de generalizar o que antes era destinado a só alguns setores sociais. Não foi espantoso portanto, ter ocorrido na capital pernambucana uma das maiores manifestações públicas durante a sua campanha eleitoral.

No entanto, como não havia a práxis do discurso, a situação estendeu-se a níveis preocupantes, pois aos problemas anteriores a este período somaram-se os novos, advindos do fato de ser Pernambuco naquele momento um Estado mais urbano que rural e de o Recife, capital de um Estado pobre, mas tido como o mais rico da região, tornar-se uma metrópole.

A polarização social que a paisagem da urbe exibia cada vez mais evidente por exemplo, criava uma relação de contrastes que demonstravam o quanto a cidade podia ser enganosa: A “Veneza brasileira” na verdade não conseguia sequer abastecer de água toda a sua população. Abrigando uma população além de suas possibilidades deixava a desejar em inúmeros serviços indispensáveis.

#### Os Habitantes da Ilha do Coque não tem água para beber

Há uma zona no bairro de Afogados, que, pelo aspecto físico-social que apresenta distancia-se da vista baixa e curta dos homens do governo. É a zona compreendida entre a Ponte de Fernandinho e a Ponte da Gaiola e que é dividida em Ilhas denominadas de Ilha Joana Bezerra, Ilha Pitangueira e Ilha do Coque. Essa parte de Afogados é habitada por cerca de 10 mil pessoas. Homens do povo que habitam um país tão rico e uma capital bastante desenvolvida, mas a despeito de tudo isto, não possuem água para beber. Entre a soma de problemas que envolve aquela gente numa terrível aflição, o problema da água

---

<sup>4</sup> JK – A marcha do Amanhecer, p.191. In: CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK- JQ*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. P. 192.

constitui naquele subúrbio uma mercadoria caríssima e difícil. Custa uma lata do precioso líquido 50 centavos.<sup>5</sup>

Dentre os inúmeros serviços indisponíveis à população, a questão da água - a defasagem no abastecimento de água potável e a manutenção de populações em cercanias de água suja sem sistema eficiente de esgotos - caracterizava-se como o mais alarmante de todos os problemas existentes: Criava a impensável situação de venda de água numa cidade aquática, fato este desencadeador de tumultos. Gerava um ambiente de insegurança em relação à saúde de milhares de pessoas que eram expostas diariamente a fontes propícias de disseminação de ciclos de doenças preocupantes tais como a esquistossomose, fato este que dificultava o crescimento sustentável. E, foi também responsável pela diarréica morte de milhares de crianças em consequência de facilitar a interação infecção-desnutrição, fato este que colocou a cidade num elevado, porém infeliz patamar das cidades campeãs em mortalidade infantil.

A capital pernambucana desde muitos anos vêm desfrutando uma singular primazia, em paralelo com as cidades do mundo inteiro: o Recife é o centro de população onde os índices de mortalidade infantil são os mais elevados que se conhecem. (...) Há pouco tempo um grupo de nutricionistas da FAO, organização internacional mantida pela ONU, para estudar o problema da criança em todos os países, chegou a declarar à imprensa de nossa capital que, em matéria de mortalidade infantil, o Recife só poderia ser comparado a algumas cidades do Sul da África. Daí se conclui que somos, na verdade, um grande cemitério de crianças e não uma cidade civilizada.<sup>6</sup>

Esta interação entre água suja, infecção e desnutrição infantil apesar de parecer óbvia, não era um evento isolado. Uma série de fatores complexos embutidos naquele momento histórico, encadeados, pioravam a situação agravando-a, e, somando-se todos, resultaram em uma situação lastimável na realidade nutricional dos infantes de famílias pobres da cidade.

A maior inserção feminina no mercado de trabalho, por exemplo, era um fator que influenciava neste processo. A ocupação com uma rotina de trabalho dupla que reduzia o convívio feminino no lar influenciava negativamente na milenar prática da amamentação. Este elemento, diretamente, reduzia de forma efetiva e preocupante a capacidade de defesa dos organismos infantis carentes de anticorpos presentes no leite

<sup>5</sup> Folha do Povo, 27/10/1955 p. 08.

<sup>6</sup> Folha do Povo, 13/02/1955 p.1.

materno, entretanto, não definiria sozinho a singularidade da alta mortalidade infantil na cidade-metrópole. Os fatores indiretos relacionados a esta maior inserção feminina no mercado de trabalho corriam de encontro às águas sujas do Recife.

As mulheres que saíam para trabalhar não eram alforriadas dos trabalhos domésticos. Desligar-se do lar não era uma consequência do trabalho fora de casa. Pelo contrário, o que ocorria era o acúmulo de funções e uma nova conjuntura delineada desta realidade: Tradição mesclava-se com “modernidade”. Elas não deveriam abster-se do seu papel, da sua imagem historicamente construída de esposa, mãe, dona de casa. Por outro lado, muitos arquétipos e posturas da “mulher moderna” em contraponto à “mulher de antigamente” faziam parte desta nova realidade urbano-industrial e pontuavam os periódicos em artigos e imagens a respeito dos mais variados temas. Estes modelos, em profusão, cotidianamente influenciaram a postura emblemática da década.

#### Etiqueta Moderna

Todo mundo conhece mais ou menos bem a maneira correta de tratar as pessoas pertencentes à mesma classe social. O que nem todas as senhoras de posição social elevada sabem é como devem tratar seus empregados e subalternos. (...) É de péssimo gosto entabolar conversas íntimas com empregados mesmo na intimidade do lar. (...) Nos tempos antigos as domésticas ficavam durante dez e vinte anos no serviço da mesma família e por isso ligados também pelos laços de amizade à família que serviam. (...) Hoje, com as empregadas que se demoram poucos meses em casa, o melhor é não criar o ambiente de intimidade e não sonhar com uma amizade que elas não sentem pelos que lhes pagam o gordo ordenado mensal.<sup>7</sup>

A presença no trabalho fora de casa não era novidade às mulheres das classes mais baixas mas, refletia-se nelas de forma impetuosa pois com a abertura de vagas de emprego às trabalhadoras de classe média, era maior o número de mulheres que recebiam salário. O dinheiro ganho em face do trabalho gerava uma classe consumidora mais representativa e também maior compradora dos substitutos do leite materno que via no leite de vaca a saída para alimentação dos filhos que não compartilhavam mais o mesmo tempo ao lado da mãe. O resultado desta procura foi o aumento do preço do produto, fator que dificultou ainda mais a vida da população carente.

---

<sup>7</sup> Diário de Pernambuco, 27/11/1955 – Suplemento Feminino, coluna “ Etiqueta Moderna e Antiga”, p. 9.

Ante a ameaça de aumento no preço do leite, nossa reportagem procurou ouvir algumas donas de casa, que são as mais prejudicadas com semelhantes casos. A primeira a nos dar a sua opinião (...) assim se expressou: “ As crianças agora não podem mais tomar leite, a gente comprava um litro de leite por 6 cruzeiros e se aumentar por quanto vamos comprar? A gente vive com dificuldade financeira e nossas crianças já estão ameaçadas de se criarem sem leite.”<sup>8</sup>

Reclamações acerca da alta dos preços do leite e da sua falta tornaram-se uma constante. Nos jornais o assunto era tratado à exaustão chegando a ser manchete tanto na Folha do Povo, jornal operário, como no Diário de Pernambuco, jornal mais tradicional da cidade. A prática de reajustamento dos preços diminuía ainda mais a possibilidade de uma boa nutrição infantil já prejudicada pela falta do leite materno em virtude da necessidade de mão-de-obra mais barata suprida pelo trabalho feminino. Em termos nutricionais, a troca do leite materno pelo leite de vaca transformado em necessidade da mulher trabalhadora, representava um retrocesso uma vez que segundo o Emérito professor do Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco, Malaquias Batistas Filho, fazendo citações de diversos estudos sobre o tema, “ *é percebido um aumento de até vinte vezes mais mazelas infantis nas crianças que não são aleitadas com o leite humano.*”<sup>9</sup> Enquanto a COAP, Comissão de Abastecimento e Preços de Pernambuco, órgão responsável pelo controle dos preços da cidade adia por repetidas vezes o parecer sobre a questão do preço do leite, fato exaustivamente publicado nos periódicos, as crianças dia após dia pareciam mais suscetíveis às consequências da má nutrição.

Alargando o problema, ocorria no mesmo período no Recife uma questão crucial, responsável pelo maciço êxodo dos bebês para os bicos das mamadeiras: Descobriu-se que o tão disputado leite de vaca vinha sofrendo adulteração no caminho vacarias-consumidores sendo nele adicionado vários tipos de substâncias, inclusive água suja, a mesma que encontrava-se nos entornos dos bairros pobres do Recife.

Nos grandes centros civilizados, o leite entregue ao consumo é acondicionado em vasilhames de fecho inviolável, o que garante a segurança do produto pelo menos durante o trajeto entre o estábulo e a casa do consumidor. No Recife, porém, utilizam-se simples latões de grande capacidade, munidos de torneira, por

<sup>8</sup> Folha do Povo, 10/11/1955, página sem numeração.

<sup>9</sup> Entrevista com o Prof. Malaquias Batista Filho.

onde o leite escorre, de cor mais ou menos duvidosa, para as garrafas medidoras. Mesmo admitindo-se que não seja “batizado” na própria vacaria, nunca chega ele pagão às mãos do comprador. A ponto, que os leiteiros não se preocupam, ao menos, de “batizá-lo” com água limpa.<sup>10</sup>

A notícia espalhava-se e preocupava famílias, autoridades e médicos. O governo do então prefeito Pelópidas Silveira, reconhecido pela assistência às populações das periferias, tentava medidas como a recuperação de Usina Higienisadora do Leite a fim de organizar a sua pausterização e distribuição seguindo as normas do DIPOA – Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal<sup>11</sup>- que regulava disposições a serem cumpridas pelos estábulos fornecedores de leite fresco às populações. No entanto, para que a usina voltasse a funcionar era necessária a chegada de nova maquinaria que substituísse as antigas peças encontradas em estado lastimável.

É fato que essas fraudes grosseiras poderiam ser assinaladas por análises mais rigorosas. No entanto, como o aparelhamento dos fiscais se limita a simples densímetros, as alterações criminosas campeiam, impunes e vitoriosas, numa ameaça permanente à sobrevivência.<sup>12</sup>

Apesar de ter relações de cordialidade com o governo do presidente Juscelino Kubitschek com quem coincidiu o seu mandato, a administração de Pelópidas Silveira associada ao Partido Comunista não recebia ajuda do governo Federal. “*O orçamento era muito minguado e nós não tivemos verbas federais. Como eu disse a única ajuda que houve foi para os ônibus elétricos, só para obter o câmbio oficial e mais nada.*”<sup>13</sup> Declaradamente anti-comunista, o presidente sempre combatia esta opção política utilizando em suas falas a idéia da necessidade da ordem para combater o atraso e instaurar o progresso pelo desenvolvimento. “*O comunismo é, atualmente, a ideologia política que maior preocupação traz aos poderes públicos, em virtude do seu caráter notoriamente antidemocrático e de suas táticas essencialmente insidiosas.*”<sup>14</sup> Enquanto

<sup>10</sup> Diário de Pernambuco, 18.03.1955, p. 14.

<sup>11</sup> As atividades do DIPOA, repartição subordinada ao Departamento Nacional da Produção Animal, que por sua vez fazia parte do Ministério da Agricultura, obedeciam ao regulamento aprovado pelo Decreto 30.691, de 29 de Março de 1952 assinado pelo então presidente Getúlio Vargas.

<sup>12</sup> Diário de Pernambuco, 18.03.1955, p.14.

<sup>13</sup> SILVEIRA, Pelópidas. *Pelópidas Silveira ( depoimento, 1978)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2005. 41p. p.17. <http://www.fgv.br/cpdoc/historiaoral/arg/Entrevista734.pdf> Acessado em: 05.03.10.

<sup>14</sup> JK - *Mensagem*, 1957, p. 115. In: CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK- JQ*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. P. 185.

o embate político-ideológico se arrastava emperrando a resolução do problema, um quadro grave se delinearía ao se propor como solução o uso dos leites enlatados.

Industrialmente confiáveis e selados, os leites condensado e em pó desenvolvidos nos fins do século XIX e já consumidos anteriormente, começaram a ser largamente disseminados para fins de alimentação infantil. Produzidos em grande escala e de perecibilidade baixa, eram professados como verdadeira maravilha moderna no quesito confiabilidade de nutrição.

As importações de leite em pó e de leite condensado vai em crescendo enorme. É que ninguém acredita no leite “in natura”; ou é fraudado ou provém de estábulos que não primam pela higiene. (...) Daí a desconfiança e quem pode, compra o seu leite em pó, sempre fácil de preparar e sempre de boa qualidade. Os que podem menos, se contentam com o leite condensado, que é um produto também garantido.<sup>15</sup>

Não tardou para que as propagandas destes produtos em ascensão enchessem os espaços destinados à publicidade nos jornais e revistas da época. Dirigindo-se principalmente às mulheres, em face delas além de estarem em um momento de perceberem-se inseridas num espaço maior que o doméstico, formarem a partir de então realmente um público consumidor em virtude do salário recebido nas diversas classes sociais, estas propagandas abusavam da idéia de modernidade sob os esteriótipos de praticidade, rapidez e garantia tal como demonstra a imagem<sup>16</sup> abaixo:



Nesta imagem, que ocupava ¼ da página do periódico, a lata aparece em destaque ao centro e na altura dos seios que são escondidos pelas mãos. Tal representação sugeria sutilmente a confiabilidade da troca pelo produto, reafirmada pelo

<sup>15</sup> Diário de Pernambuco, 19.03.1955, p.04.

<sup>16</sup> Diário de Pernambuco, 04.11.1959, p.02.

olhar maternal da personagem que não era uma mãe “à moda antiga” tendo em vista os cabelos curtos, o esmalte escuro e a camisa de corte masculino, elementos sugestivos de uma nova época. O slogan abaixo da mulher indicava o comportamento a ser seguido uma vez que o leite em questão era transmitido como “*o melhor do mundo!*”. A lata, maior, à direita, com tampa reluzente, rótulo e selo de garantia abaixo, transmitiam o ideal moderno industrial de um produto que não seria vítima de “batismo”. O texto publicitário em letras menores trazia informações suplementares de reforço da imagem e indicavam a necessidade cotidiana do produto: “*um leite sempre fresco porque tem consumo tão intenso que os estoques estão sendo sempre renovados*”. Todos estes signos traziam em si um forte apelo e incentivavam a adoção deste hábito alimentar.

Segundo Baudrillard, a onipotência dos signos presentes nos objetos são um reflexo antecipado de grande satisfação<sup>17</sup>. Esta situação foi geradora portanto de um constrangimento pela inércia do não consumir, por sua vez alavancadora do consumo dos leites enlatados na cidade, porque além dos citados benefícios destes leites industrializados, vendia-se à mulher além da modernidade um modelo feminino.

Trabalhando fora, com a capacidade de proteger a saúde dos seus pequenos da adulteração do leite in natura e tendo a possibilidade de afirmar uma identidade moderna ao consumir produtos que prometiam facilidade de vida e ganho de tempo, as mulheres, milenares fornecedoras de leite, paradoxalmente transformavam-se em grandes consumidoras.

A simpatia da classe médica em relação à cientificidade empregada no desenvolvimento destes leites era um outro fator que estimulava o uso destes produtos. Preocupados também com a freqüente burla ao produto in natura e necessitando recomendar às mães a inserção de outros alimentos na dieta infantil a partir dos seis meses para suprir as necessidades das crianças, acabavam por inserir na lista de alimentos as fórmulas industrializadas. Conforme o site da Nestlé, empresa de destaque no ramo, data do ano de 1956 a criação do Serviço de Informação Científica, voltado para “*orientação de profissionais da área médica, e promotor do Curso Nestlé de Atualização em Pediatria*”<sup>18</sup>. Estes cursos consequentemente levaram uma parcela da comunidade médica a reafirmar a alimentação enlatada uma vez que a indústria

<sup>17</sup> BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Edições 70, 1981. pp.24-25.

<sup>18</sup> [www.nestle.com.br/site/anestle/historia/historia\\_linha/historia\\_dec50.aspx](http://www.nestle.com.br/site/anestle/historia/historia_linha/historia_dec50.aspx) Acessado em 05.03.10.

alimentícia voltava suas orientações para os benefícios e facilidades da alimentação que ela produzia.

Estes profissionais teriam então também contribuído na criação de um ambiente favorável ao deslocamento da amamentação - ao invés de somente, por exemplo, complementá-la em estritos casos indicados - no instante em que receitavam às mães esta modalidade de alimentação infantil. A notável falta de informação da maioria analfabeta da população contribuía para que esta modalidade de alimentação fosse utilizada a esmo no cotidiano alimentar das crianças sob o prisma da preocupação com a boa nutrição.

Somada a esta realidade, a grande quantidade de anúncios de alimentos enlatados como achocolatado, café, farinha láctea, todos organizados na panóplia do leite, alentavam a naturalidade deste novo hábito de consumo. Não era incomum também as propagandas de eletrodomésticos, sonho de consumo de milhares de mulheres, trazerem imagens de latas e receitas com tais ingredientes assim como nos rótulos destes produtos alimentícios estamparem-se receitas onde os eletrodomésticos possibilitariam a execução de um quitute. Os dois produtos - a lata e o eletrodoméstico - eternizados pela majestade gastronômica da época, o pudim de leite Moça, evocavam como a vida da “mulher moderna” poderia ser imbuída de conforto.

Tudo muito “moderno”, muito “rápido”, muito “prático”, muito “confiável”. Havia só um problema: As águas do Recife. Necessitando de água para diluir os produtos enlatados, sem acesso à água limpa e vivendo em precárias condições sanitárias só havia uma saída aos habitantes pobres do Recife: A água suja que os circundava. Esta água que transformava-se em leite nas mamadeiras de milhares de crianças levava à diarreia em face da contaminação por germes patogênicos.

Sem os anticorpos do leite materno e expostos tanto à água suja como a leites mal diluídos ou por pobreza - para que rendesse até o próximo salário- ou por ignorância - em contabilizar medidas matemáticas - , milhares de bebês foram atirados aos (des)encantos da modernidade.

O resultado é a preparação de leites superdiluídos porque os padrões de vida são frequentemente tão baixos que os leites são demasiados caros para ser adquiridos em quantidades suficientes que permitam uma alimentação adequada (...). E

condições anti-higiênicas inadequadas para cozinhar e esterilizar mamadeiras e bicos.<sup>19</sup>

Os hábitos mudavam, as águas do Recife não. Por mais moderna que a cidade quisesse aparentar, como demonstrou, espantado, Gilberto Freyre<sup>20</sup> ao narrar a velocidade dos carros, a pavimentação de ruas e a proliferação dos edifícios, o holocausto social era crescente e demonstrava todas as limitações da modernidade e da urbanização que não conseguia se sustentar.

O objetivo final do desenvolvimento (...) deve ser seguramente a melhoria do que conhecemos como qualidade de vida. E isto não pode ser alcançado somente através do crescimento econômico, especialmente medido pela renda capital nacional. O progresso deve ser humanizado; somente quando considera o ser humano o desenvolvimento pode ser olhado de maneira mais ampla. Vale ressaltar ainda que o desenvolvimento avaliado apenas pelo produto nacional bruto, sem abranger todas as camadas sociais, favorece somente a pequenos grupos.<sup>21</sup>

Apesar dos discursos proclamarem o oposto, a fome, as moradias sub humanas, a maioria da população analfabeta, deixavam evidentes o quanto a cidade ainda encontrava-se impregnada de um odor lamacento que a deixava tão longe da tão sonhada modernidade. A espantosa mortalidade infantil assistida na cidade na década de 50, um problema de saúde pública inegavelmente complexo e de grande impacto sobre os indicadores sociais podia atestar o quanto atrasados estávamos. Mas, o quanto ainda nos resta daquele atraso e miséria dos anos 50 em pleno século XXI e que conseqüências estas permanências podem refletir na “nova sociedade moderna” ? Como diria Ítalo Calvino em uma de suas cidades invisíveis “ Há cidades que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e há aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados.”( CALVINO, 1972, p. 37). Não basta mudar os hábitos.

<sup>19</sup> MULLER, Mike. O Matador de Bebês. Uma investigação da “War on Want” sobre a promoção e venda de leite em pó para bebês no Terceiro Mundo. Londres: War on Want, 1974. Tradução Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP. Recife: 1995. p. 58.

<sup>20</sup> FREYRE, Gilberto. Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. São Paulo: Global, 2007.

<sup>21</sup> CHAVES, Nelson. Nutrição Básica e Aplicada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 326.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Edições 70, 1981.
- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK- JQ. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- CASTRO, Josué de. Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.
- CHAVES, Nelson. Nutrição Básica e Aplicada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.
- FREYRE, Gilberto. Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. São Paulo: Global, 2007.
- MULLER, Mike. O Matador de Bebês. Uma investigação da “War on Want” sobre a promoção e venda de leite em pó para bebês no Terceiro Mundo. Londres: War on Want, 1974. Tradução Instituto Materno Infantil de Pernambuco – IMIP. Recife: 1995.
- PAGE, Joseph A. A revolução que nunca houve – Nordeste do Brasil: 1955-1964. Rio de Janeiro: Record, 1972.